



CATARINA FURTADO

EMBAIXADORA DE BOA VONTADE UNFPA E PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO CORAÇÕES COM COROA

## INVESTIR NA IGUALDADE DE GÉNERO, PARTICULARMENTE NA EDUCAÇÃO E NO EMPREGO, REFORÇA O CRESCIMENTO ECONÓMICO.

# E

Escrevo-vos a caminho de Praga onde irei participar, a convite do Fundo das Nações Unidas para a População, na Conferência *Diálogo sobre população e desenvolvimento: construir capital humano com vista à prosperidade na Europa de Leste e Ásia Central*. A Conferência será presidida pelo Dr. Babatunde Osotimehin, Diretor Executivo do UNFPA, e pelo ministro dos Negócios Estrangeiros da República Checa e tem como principais temas de debate "os jovens e adolescentes, a família, a igualdade de género e a fertilidade".

O painel que irei moderar tem como título *Mudar o mundo: investir nas jovens e nas mulheres*. Contar-vos-ei tudo assim que chegar, no entanto, a grande certeza mantém-se: há ainda muito a fazer para a construção desse mundo mais igualitário, justo, saudável e respeitador das diferenças e muitos desses cruciais passos até já foram identificados, falta no entanto vontade política para os dar. É aqui que volto a instigar-vos a participarem na campanha *Continuamos à espera* e a partilharem o vídeo [www.popdesenvolvimento.org/continuamosaespera](http://www.popdesenvolvimento.org/continuamosaespera) para que todos façam realmente parte desta mudança, exigindo que as prioridades nas medidas a tomar futuramente sejam, de facto, as certas. Desta forma estarão a potenciar o vosso e o nosso próprio poder!

Ban Ki-moon, Secretário-Geral das Nações Unidas, disse há uns tempos: "Investir nas mulheres não é apenas a coisa certa a fazer, é a mais inteligente. Estou profundamente convencido de que, nas mulheres, o mundo tem à sua disposição o mais significativo e, ao mesmo tempo, o mais desperdiçado potencial para o desenvolvimento e para a paz." Ban Ki-moon está informado e profundamente convicto porque os estudos e os dados dão provas claras: investir na igualdade de género, particularmente na educação e no emprego, reforça o crescimento económico. As mulheres representam metade do potencial do capital humano em qualquer economia e, nos países onde a discrepância de género é menor, as economias são mais competitivas e prósperas. Por outro lado, a incidência da pobreza tende a ser menor nos países onde se promovem medidas de igualdade de género.

O primeiro passo está diretamente ligado ao mercado de trabalho: ao criarem-se incentivos e paridade salarial, as mulheres aumentam a sua capacidade de consumo e das suas famílias. O empoderamento e a capacitação das mulheres beneficia o desenvolvimento económico, além de que as mulheres empreendedoras tendem a empregar proporcionalmente mais mulheres do que os homens nas mesmas posições.

O segundo passo leva-nos às relações familiares: se as mulheres têm acesso a oportunidades educativas e económicas, tendem a fazer maiores investimentos no capital humano dos seus filhos e filhas, o que melhorará a produtividade da futura geração e provocará o efeito de multiplicação que está associado ao bem-estar, à saúde e à capacidade de resiliência das suas famílias e, consequentemente, das comunidades, dos países, dos continentes. A igualdade de género contribui também para o aumento da fertilidade e natalidade nos países ditos desenvolvidos, como tem sido registado em países nórdicos, como a Suécia. Investir nas mulheres e criar condições para que possam exercer as funções que as suas escolhas ditam irá resultar na prosperidade global da sociedade, já que a igualdade de género influencia todos os aspetos do desenvolvimento social, económico e ambiental.

Outro dos dados a ter em conta refere-se à pobreza na velhice que está também, como sabemos, intrinsecamente relacionada com as diferenças de género e com as desigualdades que foram acumuladas ao longo da vida. A discriminação que as mulheres vivem (interrupções na carreira, trabalho na economia não formal, tantas vezes enquanto cuidadoras, expectativas da sociedade, disparidades salariais e sistemas de pensões e proteção social que não são sensíveis às questões de género) faz com que o sofrimento e a vulnerabilidade sejam muito maiores para elas!

As soluções existem e cabem nos dedos das duas mãos: promover políticas de Direitos Humanos com base em dados factuais que permitam escolhas; promover auditorias de género às políticas existentes; incentivar atitudes e papéis sociais positivos e não discriminatórios; aumentar a responsabilidade dos Governos e a monitorização dos parlamentos e da sociedade civil em relação aos acordos e convenções já assinados; encorajar e financiar a investigação em relação a estas matérias e eliminar todas as formas de discriminação, assegurando o acesso à Justiça e aos serviços sociais, incluindo à saúde sexual e reprodutiva que permita famílias mais saudáveis e empoderadas (palavra difícil mas que cada vez mais tem de existir no nosso vocabulário diário para se afirmar de uma vez por todas!).

E agora? Continuamos à espera? Sim, mas não de braços cruzados!

Catarina Furtado foi uma das oradoras na conferência CCC - UNFPA



**CONTINUAMOS À ESPERA.**